

# A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO SEGREGADO:

## A FAVELA COMO FÓRMULA DE SOBREVIVÊNCIA – NOTAS SOBRE A REGIÃO METROPOLITANA DA GRANDE VITÓRIA-ES

**Francismar Cunha**

**Ferreira<sup>1</sup>**

Doutorando em Geografia  
PPGG-UFES

### Resumo

A presente nota busca problematizar as favelas na Região Metropolitana da Grande Vitória - ES (RMGV-ES). Objetiva analisar a distribuição espacial das favelas, suas características morfológicas no sítio urbano e suas características demográficas. Constatou-se que 11,02% do espaço da mancha urbana da região se constituiu como favelas e que nesses espaços residem 10,97% da população urbana da RMGV. Esses números podem ser maiores tendo em vista as limitações metodológicas do levantamento desses dados e também em função da falta de pesquisas em escala metropolitana sobre a problemática. Tal falta revela assim, uma falta de conhecimento de maneira precisa do processo de favelização na RMGV.

**Palavras-chave:** Favelas, Espaço urbano, Segregação, Região Metropolitana da Grande Vitória.

### THE PRODUCTION OF SEGREGATED URBAN SPACE: THE SLUM AS A SURVIVAL FORMULA - NOTES ON THE METROPOLITAN REGION OF GRANDE VITÓRIA-ES

### Abstract

The present note seeks to problematize slum in the Metropolitan Region of Grande Vitória - ES (RMGV-ES). It aims to analyze the spatial distribution of favelas, their morphological characteristics in the urban site and their demographic characteristics. It was found that 11.02% of the urban area of the region was constituted the slum and that in these spaces resides 10.97% of the urban population of the RMGV. These numbers may be larger in view of the methodological limitations of the data collection and also due to the lack of metropolitan scale research on the problem. This lack thus reveals a lack of precise knowledge of the slum process in the RMGV.

**Keywords:** slum, urban space, segregation, Metropolitan Region of Grande Vitória.

<sup>1</sup>*Endereço institucional:*

Universidade Federal do Espírito  
Santo - Centro de Ciências Hu-  
manas e Naturais - Programa de  
Pós-Graduação em Geografia  
Av. Fernando Ferrari, 514  
Goiabeiras, Vitória – ES  
CEP: 29.075-910

*Endereço eletrônico:*

[francismar.cunha@gmail.com](mailto:francismar.cunha@gmail.com)

## Introdução

O presente texto surge, por um lado, de uma inquietação do autor ao ministrar a disciplina de “Segregações e fragmentações urbanas” no curso de graduação de Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) no decorrer do ano de 2017 e primeiro semestre de 2018, e por outro, pela necessidade de chamar a atenção para os estudos sobre os espaços segregados na Região Metropolitana da Grande Vitória no Espírito Santo (RMGV), com especial interesse sobre as favelas da região. Vários são os estudos no âmbito de iniciações científicas, monografias, dissertações e etc. que buscaram demonstrar por alguma perspectiva a segregação urbana por meio de estudo de favelas na região, entretanto, esses estudos, de maneira geral, consistiram em estudos de caso de/em bairro(s), não realizando assim uma identificação e uma problematização das favelas em escala metropolitana.

Nesse sentido, a presente nota tem como objetivo problematizar os espaços segregados da RMGV analisando, de maneira especial, as favelas. Como objetivos específicos, busca-se analisar a distribuição espacial das favelas, suas características morfológicas no sítio urbano e suas características demográficas. Esses objetivos buscam responder as seguintes questões: Onde estão localizadas as favelas na RMGV? Qual o padrão morfológico dessas favelas em relação ao espaço urbano? Quais são suas características demográficas?

Reconhecemos que são objetivos e questões modestas, entretanto, consideremo-nos fundamentais, visto que esses aspectos quando evocados, são abordados de maneira generalizada e/ou muitas vezes associados a realidades de outras cidades e regiões metropolitanas brasileiras.

Para atingir os objetivos e responder as questões levantadas foi realizado um levantamento junto ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) de informações inerentes ao conceito de “aglomerado subnormal” que são os espaços apontados como favelas pelo referido instituto. Em seguida, foi realizada a identificação da localização e de aspectos demográficos dos “aglomerados subnormais” da RMGV também a partir do IBGE (2010).

## Breves notas sobre segregação, favela e espaço urbano

Vários autores debatem a dimensão do processo urbano contemporâneo desde a escala planetária (LEFEBVRE (2002) HARVEY (2011 e 2014) e outros), até processos locais em escala de bairro (SOUZA, 1989). Os conteúdos das análises também são diversos. Passam por aspectos econômicos, relações de trabalho, dimensão cultural e etc. Independente da escala e da perspectiva de análise, o que se destaca é a contínua expansão do processo urbano em uma dimensão sem precedente na história. Como resultado desse processo, destaca-se que a humanidade atualmente está mais urbanizada do que nunca.

Em meio a esse processo de expansão urbana, Mike Davis (2006) nos aponta um fato peculiar. Paralelo à expansão da urbanização tem-se o crescimento da pobreza urbana, a generalização das favelas em todo o mundo, o que levou o autor a apontar que podemos trocar a palavra urbanização por favelização (DAVIS, 2006).

As favelas constituem no espaço urbano uma fórmula de sobrevivência da população mais pobre (KOWARICK, 1979 e DAVIS, 2006). Em função do consolidado direito de propriedade privada da terra e conseqüentemente a possibilidade de apropriação de renda fundiária e imobiliária que esse direito confere a seu proprietário, o acesso à terra urbana se torna seletivo. Como resultado, tem-se a consolidação de um espaço urbano desigual, marcado pela injustiça social imposta pela lógica de produção do espaço urbano capitalista. Esse que tem, nesse ponto de vista, não só a característica de ser produto, condição e meio de reprodução do capital, mas, mais que isso, também se particulariza por ser segregado.

A segregação, de maneira geral, se apresenta no espaço urbano como sendo um processo de ocupação desigual do espaço urbano em função da renda da fundiária e/ou imobiliária almejada pelos proprietários fundiários e promotores imobiliários. Essa renda se materializa no preço da propriedade imobiliária e como conseqüência, torna o acesso à mesma, seletivo, restrito aqueles que possuem condições de pagar. Os mais pobres, sem condições de pagar para ter acesso às propriedades imobiliárias em áreas urbanizadas em função dos salários que não cobrem os custos com a habitação em áreas urbanizada, acabam encontrando como solução habita-

cional os loteamentos irregulares ou clandestinos, marcados pela autoconstrução, os cortiços e as favelas (KOWARICK, 1979).

As favelas possuem várias denominações de acordo com a o local em análise. Na língua inglesa utiliza-se *Slum*. Na Itália esses espaços são denominados de *Fondaci*, no Chile *Callampas*, no Peru *Barriadas* (DAVIS, 2006). Independente da denominação, esses espaços possuem denominadores comuns. Eles são marcados pela presença de habitações precárias, pouca ou nenhuma infraestrutura urbana, população pobre e etc. Além disso, são espaços estereotipados pelo discurso hegemônico como sendo o espaço onde predomina a ilegalidade e a imoralidade. Esses aspectos qualificam a favela não por aquilo que ela é, mas por aquilo que, em certa medida, é ausente nesses espaços. Em linhas gerais, a favela se configura como um espaço segregado, uma solução habitacional encontrada pelos mais pobres no espaço urbano organizado pela lógica de produção capitalista (KOWARICK, 1979 e DAVIS, 2006).

Esses espaços tendem a se localizarem em áreas que não se constituem momentaneamente de interesse ao mercado imobiliário “formal”. Geralmente em encostas íngremes, áreas suscetíveis a inundações, lixões e etc. Entretanto, a forma como as favelas se inserem no contexto urbano de cada cidade e/ou região metropolitana pode ser particular, isso, pois a formação desses espaços está intimamente associada aos processos históricos particulares de cada cidade e/ou região metropolitana. Em São Paulo, por exemplo, a favelização é mais expressiva em sua periferia. No Rio de Janeiro, as favelas tendem a se localizarem nos interstícios dos bairros de classe média (SOUZA, 2006).

Visto isso, cabe perguntar: onde se localizam as favelas na RMGV? Qual é a parcela da população da região que se localizam nesses espaços? É o que será mostrado a seguir.

### **As favelas na RMGV**

Não podemos negar que o conceito de favela carrega uma grande complexidade. Entretanto, na presente ocasião abordaremos a localização e os aspectos demográficos desses espaços na RMGV a partir da categoria de “aglomerado subnor-

mais” definida pelo IBGE que chamamos de aglomerados “ditos” subnormais afinal, o que é “subnormal”. Essa categoria corresponde às áreas compreendidas como favelas pelo referido instituto.

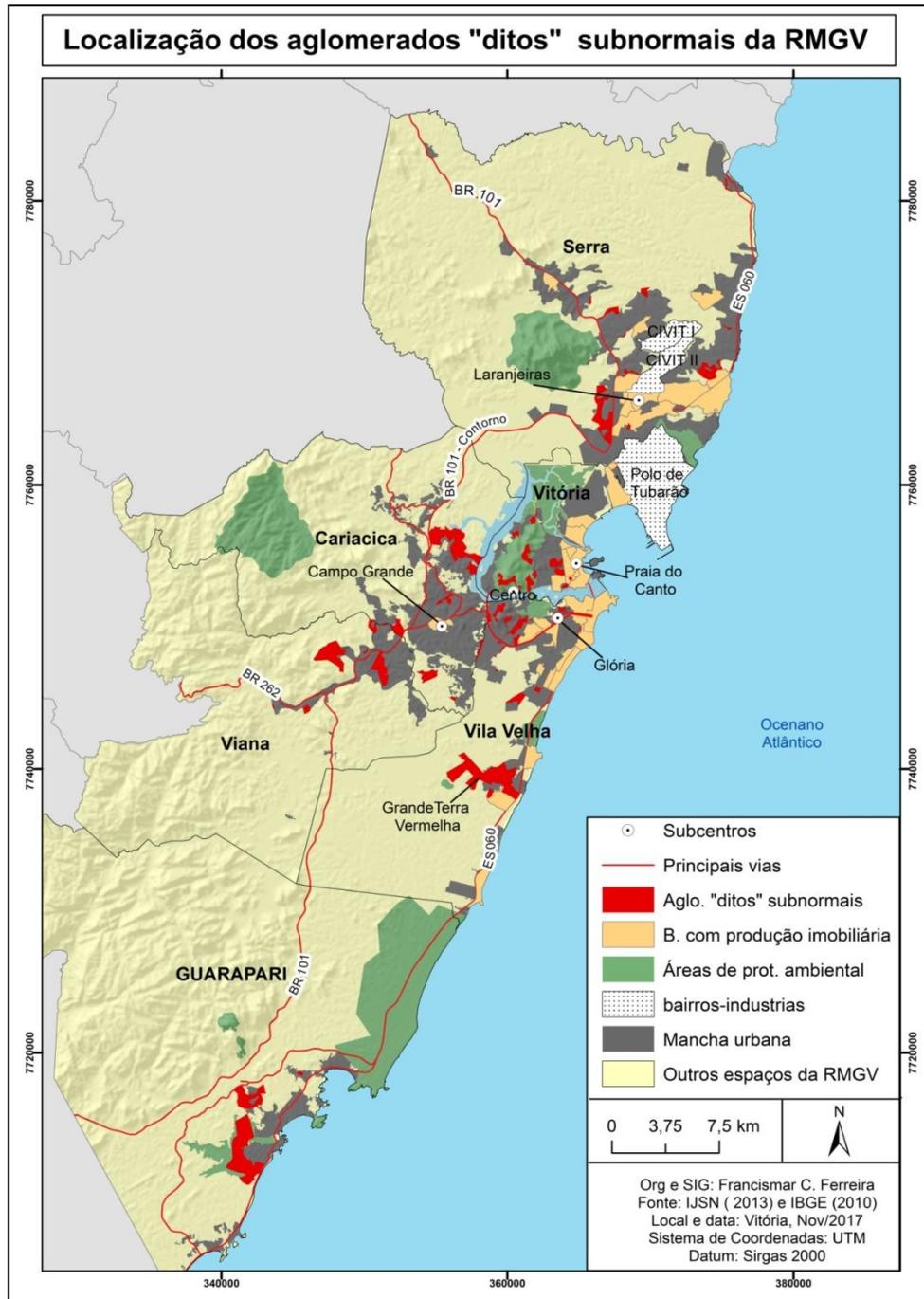
O IBGE (2010) define o aglomerado “dito” subnormal (favela) meramente a partir de princípios formais, sem considerar aspectos de ordem social e histórica. Assim, o aglomerado “dito” subnormal se configura como sendo um

conjunto constituído por 51 ou mais unidades habitacionais caracterizadas por ausência de título de propriedade somado a irregularidade das vias de circulação e do tamanho e forma dos lotes, carência de serviços públicos essenciais como coleta de lixo, rede de esgoto, rede de água, energia elétrica e iluminação pública (IBGE, 2010).

No Espírito Santo, esses espaços estão presentes em dez cidades. Cachoeiro de Itapemirim, Colatina, Linhares e São Mateus no interior do estado e em Cariacica, Guarapari, Serra, Viana, Vila Velha e a capital Vitória na RMGV. Apenas no município de Fundão na RMGV não se verifica os aglomerados “ditos” subnormais, o que não permite que afirmemos de maneira precisa que não existam favelas em Fundão e em outras cidades do estado. No mapa 01 pode ser visualizada a localização dos aglomerados “ditos” subnormais (favelas) na RMGV.

Observando o mapa 01 nota-se que a distribuição das favelas (no sentido “formal” adotado pelo IBGE como aglomerados subnormais) não segue um padrão específico quando a sua localização no espaço urbano. Em Vitória nota-se que as favelas se localizam predominantemente nos arredores de do Maciço Central onde se encontra o Parque Estadual da Fonte Grande. Uma área de encostas íngremes, muitas vezes apontadas como áreas com riscos de movimentos gravitacionais de solo e de rochas. As demais favelas de Vitória apontadas no mapa 01 também se localizam em morros, entretanto, fora do Maciço Central. Essas se encontram próximas dos subcentros de comércio e serviços do Centro de Vitória e da região de Praia do Canto e Enseada do Suá e também próximas de bairros que apresentam grande atuação da produção imobiliária de mercado.

**Mapa 01:** Localização dos aglomerados “ditos” subnormais no espaço da RMGV.



Em Serra, Viana, Cariacica nota-se que as favelas se localizam nas bordas da mancha urbana, em áreas distantes dos principais subcentros metropolitanos. Elas mesclam suas ocupações entre encostas inclinadas, fundos de vale e também em áreas planas. Em Vila Velha, tem-se uma mescla no padrão de distribuição espacial das favelas. Elas se encontram nas bordas da mancha urbana, mas também em áreas próximas aos subcentro da Glória e de áreas de atuação da produção imobiliária

“formal”. Em Guarapari os mais pobres foram empurrados para favelas que se localizam em sua grande maioria em uma área sobre o mangue na área de proteção ambiental (APA) Concha D’ostra.

Em 2010 a mancha urbana da RMGV era de aproximadamente 321 km<sup>2</sup>. Desse, 35,4 km<sup>2</sup> (11,02%) correspondiam a áreas qualificadas como favelas pelo IBGE (2010). Entretanto, a distribuição desses espaços na região é sentida de maneira diferenciada por cada município. Vila Velha possui a maior área em termos absolutos de favelas na região com 9 km<sup>2</sup>, seguido por Guarapari com 7,8 km<sup>2</sup> e Cariacica com 5,9 km<sup>2</sup>. Quando se trata de percentual de favelas em relação à mancha urbana destaca-se Viana com 28,1% de áreas de favela no interior de sua mancha urbana. Seguindo Viana, tem-se Guarapari com 22,94% de sua mancha urbana como sendo favelas e Vila Velha com 13,8% (IBGE, 2010).

No que se refere à população tem-se que 180.548 habitantes da RMGV residem em favelas. Esse número corresponde a 10,97% da população da região. Em termos absolutos destaca-se Vila Velha. O município possui a maior população residente em favela com 61.479 habitantes. Em seguida tem-se Serra com 36.071 habitantes, Cariacica com 27.516 habitantes, seguido por Vitória com 26.484 habitantes (IBGE, 2010).

Proporcionalmente, a população urbana de Guarapari é aquela que apresenta o maior percentual (18,3%) de pessoas residindo em favelas. Em seguida aparece Viana e Vila Velha com respectivamente 17,7% e 14,9% de sua população urbana residindo em favelas (IBGE, 2010). Valores significativamente acima da média da RMGV. No quadro 01 pode ser visualizada de maneira detalhada as informações populacionais das favelas da RMGV e sua dimensão no contexto urbano metropolitano.

**Quadro 01:** Aspectos territoriais e populacionais das favelas da RMGV.

Município	Mancha urbana (km <sup>2</sup> )	População urbana	Densidade demográfica pop. urbana (hab./km <sup>2</sup> )	Área aglomerados subnormais (km <sup>2</sup> )	População residente em aglomerados subnormais	Densidade demográfica pop. aglo. Sub. (hab./km)	% de área de aglo. Sub na área efe. urbana	% pop. residente em aglo. Sub. Em relação a pop urbana
-----------	----------------------------------	------------------	-----------------------------------------------------------	------------------------------------------------	-----------------------------------------------	-------------------------------------------------	--------------------------------------------	--------------------------------------------------------

## A produção do espaço urbano segregado

Francismar Cunha Ferreira

Cariacica	64	337643	5275,7	5,9	27.516	4672,4	9,2	8,1
Serra	96	406450	4233,9	5,2	36.071	6894,3	5,5	8,9
Viana	16	59632	3727,0	4,5	10.536	2345,0	28,1	17,7
Vila Velha	66	412575	6251,1	9,0	61.479	6821,9	13,7	14,9
Vitória	45	327801	7284,5	3,0	26.484	8720,4	6,7	8,1
Guarapari	34	100.528	2.956,7	7,8	18.462	2.366,9	22,94	18,3
Total	321	1644629	5123,455	35,4	180.548	5100,2	11,02	10,97

Fonte: IBGE 2010.

Os dados apontados acima apresentam a dimensão do processo de favelização na RMGV, entretanto, temos que considerar que essas áreas e essa população ainda são maiores. A metodologia do IBGE não identifica em sua totalidade as informações das favelas. Por exemplo, tem-se no município de Serra uma série de pequenas e médias favelas que foram erguidas no entorno de conjuntos habitacionais da Companhia Habitacional do Espírito Santo (COHAB-ES) construídos entre as décadas de 1970 e 1989 que não são identificados IBGE.

Diante dos dados descritos acima, especialmente pela dimensão espacial e pelo significativo contingente populacional residindo em favelas na RMGV, fica evidente a necessidade de se estudar de maneira aprofunda esses espaços. Esses que muitas vezes são negligenciados pelos órgãos de planejamento (prefeituras e estado principalmente) e por pesquisadores que não os abordam em escala metropolitana.

Nessa direção, a presente nota se encerra elencando pontos que necessitam ser aprofundados em pesquisas urbanas da RMGV e porque não em outras cidades e metrópoles com o objetivo de conhecer melhor esses espaços empiricamente e também teoricamente. Assim, destaca-se a necessidade de verificar nos estudos sobre favelas da RMGV:

- Um conceito e uma metodologia de identificação de favelas que considerem aspectos sociais, econômicos, demográficos, históricos e etc.
- Aspectos históricos referentes à formação desses espaços na região;
- Acompanhamento histórico da evolução da população e das áreas de favelas com o objetivo de identificar taxas de crescimento, locais e períodos de maior e menor intensidade do crescimento.
- Os aspectos socioeconômicos e demográficos.

- Ocupações de trabalho.
- Análise do deslocamento pendular casa x trabalho das populações residentes em favelas. Volume de fluxos, tempo médio gasto nos fluxos.
- Infraestrutura desses espaços.
- Analisar como as favelas são identificadas, abordadas e pensadas nos planos diretores e nos planejamentos urbano e metropolitano.

Acreditamos que identificar esses aspectos confrontando-os com o conceito de segregação espacial possa constituir um importante instrumento de desmistificação da realidade urbana bem como possibilita criar bases para analisar os fenômenos contemporâneos verificados em algumas brasileiras como é o caso do processo de fragmentação urbana que vem complexificando o processo de segregação.

### **Referências**

DAVIS, Mike. **Planeta favela**. São Paulo: Boitempo, 2006.

HARVEY, D.. **O enigma do capital e as crises do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2011.

\_\_\_\_\_. **Cidades Rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo. Martins Fontes. 2014

KOWARICK, L. **A espoliação urbana**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

LEFEBVRE, H. **A Revolução urbana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002

MARICATO, E.. **As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias: Planejamento urbano no Brasil**. In. ARANTES, O. B. F.; MARICATO, E.; VAINER, C. B. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

SOUZA, M. J. L. **O bairro contemporâneo: ensaio de abordagem política**. *Revista do IBGE, RBG*. Volume 51. n. 2, 1989. p. 139-172.

\_\_\_\_\_. **A prisão e a ágora: reflexões em torno da democratização do planejamento e da gestão das cidades**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

**A produção do espaço urbano segregado**  
Francismar Cunha Ferreira

Recebido em 22 de março de 2019;

aceito em 07 de maio de 2019